

Poemas

Márcia Wayna Kambeba

🔗 <https://carnets-poediles.pergola-publications.fr/index.php?id=244>

Référence électronique

Márcia Wayna Kambeba, « Poemas », *Carnets de Poédiles* [En ligne], Babel, mis en ligne le 25 mai 2023, consulté le 31 mars 2024. URL : <https://carnets-poediles.pergola-publications.fr/index.php?id=244>

Droits d'auteur

Licence Creative Commons – Attribution 4.0 International – CC BY 4.0

Poemas

Márcia Wayna Kambeba

PLAN

Taxira kumiça katu
Minha boa fala
Que rio eu sou?
Povo da gota d'água
Povo guerreiro
Amazônia dos esquecidos

NOTES DE L'AUTEUR

Le premier poème est rédigé en tupi-kambeba et traduit en portugais à la suite.

TEXTE

Taxira kumiça katu

Taxira kumuera may-sangara

Ikum luaia-xitá kumiça iquie rupi

Ikua maritipa munura tana

May – tini iauqui axuka tanu awa

Upaca taxira awa

Ynua ritama – tama tana

Maniatipa ruaia ayacaca?

Iapã icumi apyká supi jenó

Tana mama-tua, tanu papa-tua

Kumiça katu imity ta supi

Sapukatara, kanata, tuiuka

kuara makatipa paranã jeneúma ipura-pani

Tana kumuera imimiua ruaia imanu

Rana usutá iacati

Peruti tana saxipa, tana aykua

Supi uipi era kamutuni

Minha boa fala

Minha língua ancestral
Hoje pouco falamos por aqui
Saber que roubaram de nós
Homem branco fez chorar nosso povo

Acorda meu povo
Essa aldeia/cidade é nossa
Como não lutar?
Vamos agora sentar para ouvir
Nossa avó, nosso avô falar.

Palavra bonita tem para mim
Felicidade, luz, terra
Lugar onde o rio corre ligeiro
Nossa flecha voa pelo céu

Nossa língua ancestral não morre
Ela vai subir o rio
Levando nossa dor, nossa ferida.
Para um novo amanhã.

Que rio eu sou?

Na exuberante Amazônia
Líquida e diversa
Correm rios de várias águas
Sabedoria que me atravessa

Cantando banzeiram -se as águas
Dançando para lá e para cá
Corpos em movimento
Invento de um lindo bailar

Em mim sinto rios se confluindo
Metamorfose em noite de luar
Me sinto Solimões arrebetando
Barrancas que deslizam
Ouve- se o grito!
Pororoca? Além-mar.

A Amazônia que vive em mim
Chama os rios nominados
Pelo bisavô, tataravô assim:

Rio Negro, Solimões, Madeira,
Purus, Juruá, Içá, Japurá,
Acará, Anauá, Trombetas, Tapajós,
Arapium, Rio Branco, Xingu, Mapuera,
Camatiã, Guamá, Tocantins,
Urucum, Maicurú, Paru, Tacutu
Uraricoeira, Pedreira,
Madre de Dios (Amazônia peruana),
Rio Napo – Equador,
Rio Guapaí (Bolívia),
Amapari, Javari, Jari,
Caruci, Itacuaí, Jutai, Araguari

Que rio eu sou?
Sou confluência com outros rios
Coopero, espero, o pássaro cantou.
Agora sou água em movimento
Bailando manso e ligeiro
Fugindo da poluição

E num mergulho fundo
Chego em mim
Eu água, Umaua, Omágua,
Povo fluido desse grande beiradão.

Pulo n'água.
Deixo o rio me despir e vestir
De identidade, pertencimento
Num movimento de ir e vir.
No canto, encanto, sou ente

O rio está em mim
É sujeito de direitos e sabe ouvir.

Povo da gota d'água

Somos o povo da gota d'água
Filhos que o rio abraçou
Vestiu de coragem o Kambeba
Fortaleceu nossas vidas
Para resistir aos castigos
e violência do invasor.

Entre sussurros e cochichos
Guerras e ambições
Seguimos resilientes
Na contramão do colonizador.

Vimos de uma forte chuva
A gota que fez o rio transbordar
Rio de resistências, identidades
Cultura, interculturalidades
Fortalecidos pela luz do luar.

A gota d'água ganhou forma
Se materializou e multiplicou
Tupi nossa língua falada
Banzeira para resistir
Memória que não se apagou.

Povo guerreiro

Ser água, terra, awa,
Filhos dos filhos da gente
Vida remando pertencimento

Canoa deslizando na imensidão
Povo que segue consciente
Do legado de ser guardião.

É sangue virando rio
Banhando a terra de cor
São vozes gritando alto
Coração partido de dor

Invadidos até na alma
Expulsos do nosso lugar
Vidas sendo assassinadas
O “branco” disputa palmo a palmo o chão
Nós só queremos viver no território
Que é herança de nossa nação

Para o não indígena
A terra tem valor mercadológico
Exploração!
Para nós povo originário
Ela é “mãe terra” e tem valor simbólico
Proteção!
Nela está a memória, história,
Narrativas, cosmologias
Encantados que nos guiam.

Os tempos sempre foram de conflitos.
Enfrentamos os militares no poder
Com Getúlio Vargas se viu crescer
Um projeto integracionista
Feito para nos desmerecer
Tirar direitos dos povos
A língua foi proibida de falar.

E nesse governo bolsonarista
“Nenhum palmo de terra quis libear...”
E deu continuidade ao projeto de integração
Para a FUNAI prometeu ser “foice a degolar”
Trouxe para a votação o marco temporal
Os militares voltaram a comandar
Indo contra as medidas de proteção aos povos

E a questão ambiental?
A natureza virou moeda comercial.

Mas a identidade está na alma
No ser de quem sabe resistir
Estratégias no combate ao racismo
Arma de fogo vem para nos destruir
Chegam na covardia
Diálogo é difícil por aqui

Seguimos desviando da bancada da bala,
Da Bíblia e de quem mais vier nos perseguir
Agora vamos territorializar a política
Bancada indígena almejamos construir
Resistiremos!
Até quando Nhandêrú permitir.

Amazônia dos esquecidos

Vivemos na Amazônia
Aqui não tem só natureza e água
Biodiversidade para exploração
Tem povos pulsando junto
Com a batida do pé no chão.

Curumim pulando no rio
Boto fazendo mundiação
Indígenas resistindo com sua língua
Manto verde, amazônico de proteção

Matinta assobiando agudo
Caçando quem faz perversidade
Curupira rodopiando forte
Andando pela cidade

A Amazônia vive violências
Que a alma não consegue aguentar
Vista como mercadoria

Invasores não a deixam sossegar
Amazônia não é apenas o pulmão do mundo
Ela tem seus problemas
Corre o risco de desertificar
E o mundo sofre com a poluição do ar.

Todos somos responsáveis
Pelos biomas do Brasil
Precisamos nos sentir natureza
Criar pertencimento com o lugar
Cada canto tem vida
É hora de aprender amar.

ANNEXE

Glossário

Mundiação – encantamento
Matinta – protetora da floresta
Curupira – um protetor da floresta
Nhanderú – uma divindade
Awa – povo em língua tupi Kambeba
Kambeba é um povo indígena da Amazônia
Umaua, Omágua – povo indígena

AUTEUR

Márcia Wayna Kambeba

Géographe et écrivaine, Grupo de Estudos em Direito e Assuntos Internacionais (GEDAI), doctorante Programa de Pós -Graduação em Letras (PPGL), université fédérale du Pará ; R. Augusto Corrêa, 01 - Guamá, Belém - PA, 66075-110, Brésil ; marciacambeba[a]gmail.com
Márcia Wayna Kambeba, autochtone Omagua/Kambeba, est née au village Belém do Solimões no Alto Solimões, en Amazonie. Elle appartient à la communauté Tikuna, issue des peuples premiers. Poétesse, musicienne et chanteuse, elle chante en langue tupie et en portugais du

Brésil. Titulaire d'une licence et d'un master en géographie, elle est doctorante en linguistique à l'université fédérale du Pará. Elle est également conférencière, militante pour la cause des peuples premiers et pour l'environnement. Conteuse, elle raconte des histoires littéraires constituées de ses propres textes. Márcia Wayna Kambeba a publié cinq livres, elle est membre de l'Académie internationale de littérature brésilienne aux États-Unis. Elle travaille en multi-art pour parler de culture, de mémoire, d'identité et éveiller celles et ceux qui appartiennent aux Omagua/Kambeba, mais aussi pour celles et ceux qui ne sont pas issus des peuples premiers. Le but du multi-art est de favoriser la compréhension des vécus identitaires des autochtones dans leurs villages et à l'extérieur.